

IDEOLOGIA E GÊNERO: Análise de Discurso Crítica sobre práticas sociais de estudantes universitários.

Giulia Studart Batelli

RESUMO: Este trabalho é uma pesquisa documental realizada por meio da Análise de Discurso Crítica (ADC), em que realizou-se uma análise de quatro frases expressas em contexto acadêmico com o objetivo de verificar se correspondiam a discursos de dominação e poder, e se serviam, de alguma forma, de estímulo à violência contra a mulher. Para embasar a pesquisa sobre a situação da mulher na sociedade contemporânea, foram utilizados os estudos das autoras Beauvoir (2009) e Celmer (2010). E para abordar sobre a ADC e sobre seu sistema de pesquisa foram utilizados os autores Fairclough (2003) e Ramalho e Resende (2011). A partir da aplicação das categorias analíticas elaboradas por Fairclough (2003), foi observado que ainda é atribuído à mulher a função de servir ao gênero masculino, de forma a desmerecê-las como sujeitos.

Palavras-chaves: Análise do Discurso Crítica. Violência. Mulher.

ABSTRACT: This work is a documental research guided by Critical Discourse Analysis (CDA), in which was conducted an analysis of four expressed sentences in academic context in order to verify if they corresponded to discourses of domination and power, and, somehow, encouraged violence against women. In order to formulate a consistent academic basis on women's situation in contemporary society, the works of Beauvoir (2009) e Celmer (2010) were studied, and to address on the CDA method and its research system, the authors Fairclough (2003) and Ramalho and Resende (2011) were also studied. From the application of the analytical categories developed by Fairclough (2003), it was observed that the role of serving the male is still assigned to women in order to belittle them as subjects.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Violence. Woman.

Introdução

Apesar das conquistas realizadas nas últimas décadas, as mulheres são continuamente subjugadas na sociedade contemporânea. Recebem menos que os homens para exercer o mesmo cargo em uma empresa, não são selecionadas para cargos de chefia, sofrem cobranças em relação a comportamentos diante a sociedade e são vítimas de violência e de abuso sexual. Muitas vezes, são colocadas em situações desconfortáveis, desfavoráveis e até violentas de maneira naturalizada.

Este trabalho tem como objetivo destacar e analisar expressões linguísticas de estudantes universitários em contextos acadêmicos, verificar se são discursos de dominação e poder, e se servem, de alguma forma, de estímulo à violência contra a mulher. Busca, também, realizar uma reflexão sobre a situação da mulher na sociedade contemporânea.

Por meio da Análise do Discurso Crítica (ADC), serão analisadas as seguintes expressões: “letras, puteiro, mulher para engenheiro”; “não é estupro, é sexo surpresa”; “caiu na Redes é... estupro”; “vocês só pegam as minas que a gente cansou de currar”. A escolha desse tema se deve a recorrentes notícias a respeito da violência, em suas várias formas, em ambientes universitários contra a mulher. Justamente em um ambiente em que se espera a quebra de preconceitos e discriminações, um espaço para maior desenvolvimento intelectual e também humano. Por isso, o trabalho visa contribuir com reflexões acerca da violência praticada contra o sexo feminino.

Para formar o referencial teórico, foram utilizados os seguintes autores: Levisky (2010); Fachinetti (2010); Rocha (1996); Carvalho (2010); Fernández (1991); Zuin (2011); Beauvoir (2009); Celmer (2010); Fairclough (2003); Ramalho e Resende (2011); Kauark; Manhães; Medeiros (2010);

1. Violência

O termo violência tem origem na palavra latina *violentia*, que remete a vis (força, vigor, emprego da força física) e significa ferocidade. A violência não é um fenômeno da sociedade contemporânea. Ela acompanha o ser humano desde o seu princípio, contudo, se apresenta de maneiras e em eventos

distintos. O conceito de violência varia com a cultura e a época (LEVISKY, 2010). Para Rocha (1996, p.10), pode ser definida como:

(...) uma força que transgride os limites dos seres humanos, tanto na sua realidade física e psíquica, quanto no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas. Em outras palavras, a violência, sob todas as suas formas, desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, sem os quais o homem deixa de ser considerado como sujeito de direitos e de deveres, e passa a ser olhado como um puro e simples objeto.

De acordo com Carvalho (2010), a violência é revestida no senso comum de falsa percepção e de naturalização de ações agressivas. Segundo a autora, mudando representações sociais, pode-se transformar práticas e concepções pessoais. Fernández (1991) alega que a educação pode exercer função libertadora ou alienante, dependendo da forma como é utilizada. Para este trabalho, faz-se necessário focar na violência praticada pelos jovens.

Segundo Fachinetto (2010), o conceito de juventude nem sempre existiu e nem foi entendido da mesma maneira. Primeiramente, não pode ser compreendida como uma única juventude, senão uma pluralidade de juventudes, em virtude da diversidade de fatores que influenciam diferentes vivências. Em segundo lugar, a autora indica que a análise da situação do jovem na sociedade brasileira contemporânea deve levar em conta a contextualização, que revela a exposição da juventude a vulnerabilidades que a tornam tanto vítima como também contribui para que seja agressora.

1.2. Violência na universidade - A cultura do trote

A palavra trote remete à domesticação, “alude ao passo que o cavalo aprende a fazer, uma espécie de andar intermediário situado entre o galope e o seu passo habitual. Ou seja, para poder trotar o cavalo necessita ser domesticado” (ZUIN, 2011, p. 4).

Já o vocábulo veterano tem origem militar e calouro é aquele que acabou de ingressar nas ordens monásticas, tem referência a um ambiente de autoridade e hierarquia (ZUIN, 2011).

Há registros de que a origem dos trotes coincide com a das universidades no período da Idade Média. Desde o início, havia a prática de separar os veteranos dos calouros. Os recém-ingressos não podiam assistir às aulas dentro das salas, tinham que ficar dentro de vestíbulos, antessalas, durante um período inicial.

A tradição de raspar os cabelos advém de uma prevenção feita a fim de prevenir doenças, disseminação de pestes, pulgas e carrapatos, além disso, as roupas eram queimadas. Só assim era liberada a entrada da sala de aula para os novos estudantes. Contudo, além desse objetivo, tinha o de modificar a aparência dos calouros que vinham da área rural. Este era um ritual de passagem e a mudança da aparência simbolizava isso. Os alunos substituíam as feições camponesas por uma que se enquadrava no novo ambiente, intelectual e acadêmico (ZUIN, 2011).

No Brasil, os primeiros registros de trotes são do século XIX e derivam da praxe praticada em Portugal, que diz respeito a um código de conduta com horários de estudos, trajes a ser usados e a quais estudantes deviam obedecer. Eram feitos rituais de iniciação e geralmente eram violentos.

O primeiro caso de morte em um trote no Brasil foi no ano de 1831, um aluno foi espancado até a morte com uma bengala no trote da Universidade de Recife. A partir de 1990, começa um movimento mais forte que busca trotes diferenciados, culturais ou solidários. Entretanto, ainda há registros de trotes violentos, ofensivos, racistas, homofóbicos, machistas etc. (ZUIN, 2011).

2. Mulher e a sociedade

Simone de Beauvoir (2009) afirma que as disputas de poder são intrínsecas ao ser humano e que quando dois indivíduos estão em pé de igualdade, ocorre um conflito. Mas quando um tem alguma vantagem sobre outro, qualquer que ela seja, o que está em desvantagem se submete ao outro. É dessa forma que Beauvoir (2009) procura compreender a origem da submissão da mulher ao homem.

Antes da agricultura, o mundo era muito hostil e a força era necessária. As mulheres conseguiam sobreviver nesse ambiente, menos quando engravidavam, o que as deixavam em completa vulnerabilidade. Além da

gravidez, tinham de cuidar da criança até ela ser capaz de sobreviver por si mesma. Com isso, o homem assumiu o poder e essa situação foi sendo reproduzida até depois do início da civilização.

Ao longo da história da humanidade, violências praticadas contra a mulher eram socialmente aceitas e isso contribuiu para uma passividade e um alto grau de tolerância da sociedade em relação às manifestações de agressividade. Até na contemporaneidade é possível perceber que, mesmo tendo a lei da Maria da Penha, criada para proteger as mulheres de seus agressores, muitas têm dificuldade de reconhecer que estão sofrendo atos de violência.

Com agressões físicas e abusos sexuais sendo dificilmente reconhecidos como atos violentos, expressões de violência simbólica podem passar despercebidas. “A violência simbólica pode ser entendida como expressões de crenças historicamente construídas para fundamentar relações de dominação” (CELMER, 2010, p.75).

Eventos de violência simbólica no cotidiano das mulheres são frequentes. Mesmo que não tenham sofrido agressões físicas ou psicológicas, dificilmente não vivenciaram uma violência simbólica. Um exemplo é a frase “isso não é coisa de menina”, que tem poder de diferenciar e discriminar as pessoas. Outro exemplo é a preferência na escolha de homens para ocupar cargos de chefia e o pagamento de salário menor para mulheres no exercício de mesmo cargo (CELMER, 2010).

No início dos anos 1980, teorias sobre violência contra a mulher tiveram um ápice no Brasil. Os estudos foram reflexos das mudanças sociais e políticas que ocorriam na época, como a redemocratização do país. O objetivo central do movimento de mulheres era dar visibilidade às agressões sofridas e criminalizar as ações. Uma das primeiras conquistas foi a criação da Delegacia de Defesa da Mulher (DDM) em 1985 na cidade de São Paulo (CELMER, 2010).

Há diferentes correntes teóricas sobre a situação da mulher na sociedade, mas as principais são: dominação masculina; dominação patriarcal; dominação relacional. Na primeira teoria, a violência contra mulheres é expressa como dominação da mulher pelo homem, havendo anulação da autonomia da mulher. Para essa ideia, tanto homens quanto mulheres

reproduzem a ideologia, em que há transformação das diferenças em desigualdades hierarquizadas. A mulher seria tanto vítima como cúmplice da dominação masculina. A segunda teoria percebe a violência como uma expressão do patriarcado. A mulher é colocada como sujeito social autônomo, mas que, pelo curso da história, foi vítima do controle social masculino. Já a terceira corrente teórica, intenta relativizar a dominação masculina e a vitimização feminina, com o argumento de que a violência é uma forma de comunicação e a mulher não seria vítima, mas participante (CELMER, 2010).

3. Pesquisas sobre violência contra a mulher

Para o presente trabalho, faz-se necessário apresentar dados a respeito da situação da mulher no contexto da sociedade contemporânea. A pesquisa realizada pelo Instituto Avon e Data Popular e divulgada em dezembro de 2014 teve 2.046 jovens entrevistados, de 16 a 24 anos e de todas as regiões do país, sendo 1.029 mulheres e 1.017 homens. Os resultados mostram que:

- 96% dos entrevistados afirmaram viver em uma sociedade machista.
- 48% acreditam ser errado uma mulher sair sozinha com os amigos, sem a companhia do marido, namorado ou “ficante”.
- 76% não acham certo que mulheres tenham vários “ficantes”.
- 80% acredita a mulher não deve ficar bêbada em festas ou baladas.
- 78% das mulheres entrevistadas relatam já ter sofrido algum tipo de assédio como cantada ofensiva, abordagem violenta na balada e ser beijada à força.
- Três em cada dez garotas dizem ter sido assediadas fisicamente no transporte público.
- 30% dos homens e 20% das mulheres afirmaram que a mulher que usa roupas curtas está se oferecendo.

Um estudo realizado em duas universidades da Dakota do Norte, liderado pela professora e pesquisadora Sarah Edwards, com 86 estudantes do sexo masculino e heterossexuais, levantou questões sobre comportamentos sexuais. Um terço destes estudantes, o equivalente a 31,7%, afirmou que

forçaria algo sexual com uma mulher contra sua vontade, caso estivesse livre de consequências. E, a maioria deles, não nomearia essa ação como estupro. Já 13,6% indicaram explicitamente que estuprariam uma mulher em uma situação de livre consequência.

Os dados apresentados demonstram a maneira que a violência contra a mulher é caracterizada e percebida pelos jovens na sociedade contemporânea.

4. Análise de Discurso Crítica

A Análise de Discurso Crítica (ADC) tem como objetivo realizar um debate teórico e metodológico do discurso. Sendo o discurso uma prática social. “A língua é uma parte irreduzível da vida social, dialeticamente conectada a outros elementos de vida social, de forma que não se pode considerar a língua sem levar em consideração a vida social” (FAIRCLOUGH, 2003, p.11).

Para Fairclough (2003), a análise de discurso não se constitui só na análise textual, tendo de ser aliada ao que ele denomina de ordem de discurso, que significa a estrutura social da língua ligada a específicas práticas sociais. O estudo da ADC tem intenção de investigar o discurso a fim de transformar a vida social. Com isso, aumenta a reflexão acadêmica a respeito de discriminações, identidades, questões de poder etc.

De acordo com Ramalho e Resende (2011), a ADC consiste em uma abordagem científica interdisciplinar voltada para estudos críticos da linguagem. A análise do discurso é crítica pela sua relação com a “ciência social crítica”, que serve de base científica para estudos de questões sociais relacionadas ao poder como controle. A partir da linguagem, é possível gerar situações de dominação, como também é possível questioná-las e solucioná-las.

O discurso ocupa posição central por referir-se a estruturas sociais (fixas) e ações individuais (flexíveis). Com isso, o estudo não é de pontos isolados, mas é uma contextualização de eventos. O discurso possui característica intermediária e é a articulação da linguagem com fenômeno mental, relações sociais e mundo material (RAMALHO & RESENDE, 2011).

Para a ADC, é relevante o estudo da utilização da linguagem, expressa em suas diferentes modalidades, em contextos que envolvem poder e a investigação de como a desigualdade social é expressa e legitimada pelo uso do discurso. A análise linguística e crítica social são indissociáveis e o objeto de estudo possui características sociodiscursivas, ou seja, o texto carrega traços da ação individual e social que o originou. Para Ramalho & Resende (2011, p. 22):

Essa percepção de texto como parte discursiva empírica de eventos sociais baseia-se numa visão funcionalista da linguagem, que a entende como um recurso de que pessoas lançam mão em suas vidas diárias para interagir e se relacionar, para representar aspectos do mundo assim como para “ser”, para identificar a si e aos outros. Consequentemente, a linguagem é também resultado desse uso social.

É inviável a ideia de estudar o mundo real de forma objetiva, já que só é possível estudá-lo com base nas próprias experiências. A análise textual faz parte da análise de discurso e, a ela, é conferida cientificidade pelo trabalho explanatório, em que são descritos e interpretados aspectos do texto. Além disso, o discurso textual é investigado como material empírico, levando-se em conta conceitos de um repertório teórico particular (RAMALHO & RESENDE, 2011).

Fairclough propõe e relaciona três níveis da vida social com três níveis da linguagem. No nível mais abstrato, a linguagem é posta como sistema semiótico, com diversas opções lexicogramaticais. Já no nível intermediário das práticas sociais, a linguagem é tida como ordens do discurso e se trata de uma combinação de gênero, discurso e estilo. O terceiro nível é o mais concreto e tem a linguagem associada ao texto, e este é o principal material de estudo da análise de discurso.

É importante salientar que o objeto de estudo da ADC não tem o foco no sistema semiótico e nem apenas no texto, mas perpassa pelos três níveis. “Análises discursivas críticas privilegiam o espaço das ordens do discurso como espaço de geração de conhecimento sobre o funcionamento social da linguagem” (RAMALHO & RESENDE. 2011. P.41).

A relação do discurso com a estrutura social deve ser compreendida como dialética para que o discurso não seja compreendido unicamente como

reflexo da realidade social e nem apenas como fonte do social. Segundo Fairclough (2001, p.94), “a perspectiva dialética considera a prática e o evento contraditórios e em luta, com uma relação complexa e variável com as estruturas, as quais manifestam apenas uma fixidez temporária, parcial e contraditória”.

Para Fairclough (2003), a linguagem é constituída socialmente e, com isso, possui influências e influencia aspectos sociais, políticos, cognitivos, morais e materiais. A ADC tem como preocupação os efeitos ideológicos em relações sociais, crenças, valores e identidades. Sobre a questão de poder, esta abordagem compreende que a assimetria de poder é passível de mudança, sendo apenas uma instabilidade temporária.

Já o conceito de “ideologia” é tido como ferramenta semiótica de lutas de poder, em que a ideologia é mais efetiva quando suas ações são menos perceptíveis. É uma perspectiva inerentemente negativa, em que se observa sua utilização para estabelecer e sustentar relações de dominação. Grupos particulares se mantêm em posição hegemônica ao difundirem suas visões particulares como os da sociedade em geral e ao se estabelecerem e sustentarem liderança. (RAMALHO & RESENDE, 2011)

Ao reproduzir acriticamente ideias equivocadas que permeiam o senso comum, as pessoas contribuem para sustentar as desigualdades de poder. Contudo, ao desnaturalizar os equívocos do senso comum, colabora-se com a coibição da ideologia.

De acordo com Thompson (2002), os modos gerais de operação da ideologia são:

- legitimação (as relações de domínio são apresentadas como legítimas),
- dissimulação (o domínio é ocultado ou negado),
- unificação (construção simbólica de identidade coletiva),
- fragmentação (segmentação de pessoas que possam representar ameaça ao grupo dominante) e
- reificação (retratação de uma situação transitória como permanente e natural) (RAMALHO & RESENDE, 2011)

5. Metodologia

Com intuito de analisar quatro expressões linguísticas de estudantes universitários e verificar se elas serviam de estímulo à violência contra a mulher, em um primeiro momento, procurou-se contextualizar o problema levantado e fornecer arcabouço teórico para o desenvolvimento da análise.

Em seguida, foi realizada uma pesquisa qualitativa, que “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p.26).

Desta forma, a pesquisa é realizada com base em interpretação de fenômenos e atribuição de significados. A coleta de dados é feita em ambiente natural, no caso virtual, e o instrumento de pesquisa é o próprio pesquisador com sua análise indutiva das situações (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

Dentro disso, optou-se por realizar uma pesquisa documental, caracterizada por ter dados de natureza formal como material empírico. Ou seja, são utilizados textos midiáticos, oficiais, jurídicos etc., que são elaborados de forma especializada.

A partir desta perspectiva, o estudo será norteado pela análise discursiva, em que o texto tem função principal como material empírico e em que se relacionamos mecanismos discursivos e a questão em análise. Este processo possui dois pontos: a compreensão e a explanação. O entendimento de um texto pode variar de acordo com a mudança de alguns fatores, como conhecimento, experiência, entre outros. Desta maneira, a análise de texto é constituída por uma análise de percepções, o que envolve descrição e interpretação.

Em relação à explanação, o material empírico é situado em um arcabouço teórico, com o intuito de apreender o momento discursivo em sua prática social e identificar seus efeitos na luta hegemônica (RAMALHO & RESENDE, 2011).

Em ADC, “as investigações baseiam-se em análises de mecanismos causais e de seus efeitos potenciais em contextos particulares, com atenção voltada para causas e efeitos envolvidos em relações de poder” (RAMALHO & RESENDE, 2011, p. 104).

Esta abordagem teórico-metodológica possui ferramentas analíticas para relacionar aspectos semióticos e não semióticos, associar formas e significados textuais a representações de mundo particulares. Com base em um estudo feito por Fairclough (2001), Ramalho e Resende (2011, p. 114) esquematizam as categorias analíticas, que são relevantes para este trabalho, em um quadro:

Aspectos discursivos/textuais	Perguntas sobre o texto em análise
Estrutura genérica	O texto se situa em uma cadeia de gêneros? O texto é caracterizado por uma mistura de gêneros? Que gêneros o texto articula (em termos de atividade, relações sociais, tecnologias de comunicação)?
Intertextualidade	De outros textos/ vozes relevantes, quais são incluídos? Quais são significativamente excluídos? Como outras vozes são incluídas? São atribuídas? Se sim, especificamente ou não especificamente? As vozes atribuídas são relatadas diretamente (citação) ou indiretamente? Como outras vozes tecidas em relação à voz do/a autor/a e em relação umas com as outras?
Presunção	Que presunções existenciais, proposicionais ou valorativas são feitas? É o caso de se ver algumas presunções como ideológicas?
Relações semânticas/ gramaticais entre períodos e orações	Quais são as relações semânticas predominantes entre períodos e orações (causa-razão, consequência, propósito; condicional; temporal; aditiva; elaborativa; contrastiva/concessiva)? Há relações semânticas em nível mais alto entre partes maiores do texto (por exemplo, problema-solução)? As relações gramaticais entre orações são predominantemente paratáticas, hipotáticas ou encaixadas? Há relações particularmente significativas de equivalência e diferença construídas no texto?
Trocas, funções da fala, modo gramatical	Quais são os tipos predominantes de troca (troca de atividade ou de conhecimento) e funções da fala (afirmação, pergunta, demanda, oferta)? Que tipos de afirmação há (afirmações de fato, previsões hipotéticas, avaliações)? Há relações 'metafóricas' entre trocas, funções da fala ou tipos de

	afirmação (por exemplo, demandas que aparecem como afirmações, avaliações que aparecem como afirmações factuais)? Qual é o modo gramatical predominante (declarativo, interrogativo, imperativo)?
Interdiscursividade	Que discursos são articulados no texto e como são articulados? Há uma mistura significativa de discursos? Quais são os traços que caracterizam os discursos articulados (relações semânticas entre palavras, colocações, metáforas, presunções, traços gramaticais)?
Representação de eventos/ atores sociais	Que elementos dos eventos sociais representados são incluídos ou excluídos? Que elementos incluídos são mais salientes? Quão abstrata ou concretamente os eventos são representados? Como os processos são representados? Quais são os tipos de processo predominantes (material, mental, verbal, relacional, existencial)? Há instâncias de metáfora gramatical na representação de processos? Como atores sociais são representados (ativado/ passivado, pessoal/impessoal, nomeado/ classificado, específico/ genérico)? Como tempo, espaço e a relação entre 'tempos-espaços' são representados?
Identificação	Que estilos são articulados no texto? Como são articulados? Há mistura significativa de estilos? Quais são os traços que caracterizam os estilos articulados ('linguagem corporal', pronúncia e outros traços fonológicos, vocabulário, metáfora, modalidade, avaliação)?
Modalidade	Como os autores se comprometem em termos de verdade (modalidades epistêmicas)? Em termos de obrigação e necessidade (modalidades deônticas)? Em que extensão as modalidades são categóricas (afirmação, negação etc.)? Em que extensão são modalizadas (com marcadores explícitos de modalidade)? Que níveis de comprometimento observam-se (alto, médio, baixo) quando há marcadores explícitos de modalidade? Quais são os marcadores de modalização (verbos modais, advérbios modais etc.)?
Avaliação	Com que valores (em termos do que é desejável ou indesejável) o/a autor/a se compromete? Como valores são

	realizados – como afirmações avaliativas, afirmações com modalidades deônticas, afirmações com processos mentais afetivos, valores presumidos?
--	--

As categorias acima listadas serão aplicadas, sempre que possível, ao corpus selecionado para análise.

6. Corpus de análise

As quatro expressões avaliadas nesse estudo foram produzidas entre 2013 e 2015 por estudantes universitários. Em 2013, no dia do resultado do vestibular do segundo semestre da Universidade de Brasília (UnB), dois estudantes do curso de Engenharia de Redes carregavam um cartaz com o dizer: *Caiu na Redes é... estupro*.

Um dos alunos, R. F. B., 18 anos à época, escreveu e encaminhou uma carta ao departamento de engenharia de redes pedindo desculpas às alunas da universidade e às mulheres da família dele, afirmando que o ato foi “inconsequente e impensado”. E, ainda, alegou que a atitude foi de mau gosto e ofensivo às mulheres.



(Fonte: Correio Braziliense. Divulgação).

No primeiro semestre de 2014, calouros de engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) cantaram em frente ao prédio da Faculdade de Letras: "letras, puteiro, mulher para engenheiro". O Diretório Acadêmico da Engenharia Metalúrgica pediu desculpas pela atitude dos alunos

e alegou que a música “foi cantada sem reflexão” e que o episódio contribuiria para uma mudança de pensamento dos alunos.

Já no segundo semestre do mesmo ano (2014), um grupo de 40 estudantes entoou uma música com a seguinte letra: “não é estupro, é sexo surpresa”. Esses alunos utilizavam uniforme da Bateria Engrenada, charanga da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). De acordo com L. T., aluna que presenciou a cena e se manifestou em uma rede social, havia mulheres no grupo. A jovem ainda afirmou “que ninguém mais se sentiu incomodado”.

Em junho de 2015, no estado de São Paulo, a bateria Tubateria, formada por estudantes de Comunicação da Faculdade Mackenzie, cantou uma música em resposta a uma provocação feita por estudantes da faculdade de Anhembi. Uma das frases da canção era “vocês só pegam as minas que a gente cansou de currar”. Duas estudantes manifestaram insatisfação com a letra e afirmaram que ninguém mais se incomodou e que havia mulheres no grupo cantando a música.

Apresentados os casos em análise, serão utilizadas as categorias analíticas propostas por Fairclough e sistematizadas por Ramalho e Resende (2011) para avaliá-los. A partir da primeira delas, a **Estrutura Genérica**, pode-se estabelecer que três das expressões linguísticas foram cantadas por estudantes e a quarta delas foi escrita em um cartaz. Todas foram realizadas em contexto universitário e com o intuito de atribuir comicidade aos eventos dos quais faziam parte.

No quesito **Intertextualidade**, foi possível identificar que em todas elas, há apenas uma voz sendo expressa que é a dos próprios estudantes. As frases “letras, puteiro, mulher para engenheiro” e “caiu na Redes... é estupro” foram produzidas por estudantes do sexo masculino. Já nas outras duas, havia homens e mulheres participando da cantoria. A expressão “caiu na Redes... é estupro” dialoga com o ditado popular “caiu na rede, é peixe”, que significa que tudo é válido, tudo serve.

Por meio da categoria **Presunção**, notou-se que em “letras, puteiro, mulher para engenheiro”, há a suposição de que a maioria dos estudantes de letras é do sexo feminino e a do curso de engenharia, masculino. Além disso, é presumida a disponibilidade sexual dessas alunas e que a função delas é de

servir sexualmente, pois está se falando de um puteiro que serve aos desejos dos alunos de engenharia.

Na expressão “vocês só pegam as minas que a gente cansou de currar”, há a **presunção** de que as pessoas a que se referem são inferiores, por pegarem as sobras das que estão se manifestando. Os estudantes que cantam têm domínio sob as mulheres e, apenas quando se cansam delas, os outros pegam o que restou. Também se afere que estas “minas” não têm valor algum, pois foram descartadas após terem se cansado delas. As mulheres, nesse contexto, só tem papel sexual e descartável. Um papel imposto contra sua vontade já que currar consiste em um estupro coletivo.

A frase “Caiu na Redes... é estupro” possui a **suposição** de que basta entrar no curso de engenharia de redes, que se é estupro. Já na sentença “não é estupro, é sexo surpresa”, há a **dedução** de que não se deve caracterizar um ato como estupro e violência, mas apenas como sexo surpresa.

É importante salientar que, para o senso comum, as mulheres dizem “não” quando querem dizer “sim”, em relação a sexo, para fazer charme. O que leva homens a alegarem que, independentemente de que as mulheres estivessem dizendo que não queriam, eles acreditavam que elas estavam interessadas.

Com base na perspectiva da categoria analítica de **Relações semânticas/ gramaticais entre períodos e orações**, atentou-se ao emprego das palavras e escolhas vocabulares. O dicionário da língua portuguesa Aurélio (2010) define “surpresa” como “ato ou efeito de surpreender ou de ser surpreendido”, “espanto (causado por algo inesperado)”, “sobressalto, perturbação, pasmo”, “sucesso inesperado, fato ou incidente inopinado”, “ação calculada pela qual se pretende agradar ou ser útil a alguma pessoa sem esta o prever”, “prazer inesperado”. Já “estupro”, é definido como “crime de constranger alguém ao coito com violência ou grave ameaça” e “violação”.

Desta forma, pode-se perceber que a palavra “estupro” carrega um sentido negativo, de violência, de sexo não consentido. Já o vocábulo “surpresa” remete a algo inesperado, mas que, muitas vezes, no imaginário significa algo bom, não remete à violência e também à falta de consentimento.

Ao dizer “sexo surpresa”, assimila-se que ambos os participantes desejam o ato e apenas foi surpresa para alguém. No conjunto “não é estupro, é sexo surpresa”, há a descaracterização do estupro e de toda a violência ligada a ele e é criada uma nova imagem em cima do mesmo ato, de algo não violento, podendo até ser positivo. “Não é estupro” é uma declarativa negativa, já “é sexo surpresa” é uma declarativa afirmativa.

A sentença “vocês só pegam as minas que a gente cansou de currar” tem o emprego da palavra “currar”, que, de acordo com o dicionário de língua portuguesa Aurélio (2010), significa violentar sexualmente uma pessoa com a ajuda de outro ou mais indivíduos, ou seja, estupro coletivo.

O período “vocês só pegam as minas que a gente cansou de currar” tem a oração principal “vocês só pegam as minas” e a oração subordinada adjetiva restritiva “que a gente cansou de currar”. Ou seja, a oração subordinada tem função de adjetivar o termo “minas” e restringir essa categoria.

A frase “letras, puteiro, mulher para engenheiro” não se constitui em uma oração. “Puteiro” age como um aposto comparativo de letras. Esta ideia é justaposta a “mulher para engenheiro” que indica a finalidade da mulher. Essas são mulheres para os engenheiros. Há a direta associação de letras com um puteiro e, assim, é estabelecida uma identificação relacional com estudantes de letras como sendo prostitutas. Há desvalorização da mulher e do curso. O propósito do curso de letras é desconsiderado e é adicionado o objetivo de servir de puteiro e fornecer mulheres.

A oração “caiu na Redes é... estupro” é uma paródia da expressão “caiu na rede, é peixe” que significa “tudo serve”. Neste caso, “caiu na Redes” se refere a calouras do curso de engenharia de redes, que são reduzidas a um objeto sexual e são ameaçadas pela ideia de um estupro. “É estupro” é uma consequência de “caiu na Redes.” Apesar de a mensagem não ter sido expressa diretamente ao público feminino, afere-se que as mulheres são o público alvo. Por mais que exista violência contra o homem, a sua incidência é bem menor quando comparada com a violência contra a mulher.

Tendo em vista o aspecto **Trocas, funções da fala, modo gramatical**, identificou-se que as frases “não é estupro, é sexo surpresa”, “caiu na Redes... é estupro” e “vocês só pegam as minas que a gente cansou de currar” estão

em modo gramatical declarativo e são afirmações de fato. Já “letras, puteiro, mulher para engenheiro” consiste em uma avaliação, um julgamento.

Na categoria **Interdiscursividade**, considerou-se que “vocês só pegam as minas que a gente cansou de currar” faz parte de um discurso que reproduz a hegemonia do homem e naturaliza a violência contra a mulher. Por esta estar a serviço daquele. Também faz parte do discurso de que a mulher violentada perde seu valor.

A frase “caiu na Redes... é estupro” é própria de um discurso de que a pessoa não tem direito de escolha em relação a seu próprio corpo, e ela será violentada, caso seja este o desejo do agressor.

A expressão “não é estupro é sexo surpresa” está ligada ao discurso de que estupro não é uma violência e que descaracteriza o ato violento. Já “letras, puteiro, mulher para engenheiro” faz parte de um discurso que objetifica a mulher a serviço do homem, no caso, de maneira sexual. As demais categorias analíticas não se aplicam a este estudo.

7. Considerações finais

A partir da análise feita com base nas categorias analíticas, pode-se observar que em todas as situações, a mulher é colocada em posição de disponibilidade e a serviço do homem, sua vontade é desconsiderada, de forma a desmerecê-las como sujeitos.

Em três dos eventos, são feitas referências diretas a práticas violentas como estupro e estupro coletivo. E em uma delas é realizada uma mudança lexical que banaliza o estupro e mascara o ato. Isso em um país que tem a estimativa de 527 mil estupros por ano e que em 89% dos casos as vítimas são do sexo feminino, segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) publicado em 2014. E, ainda de acordo com esses dados, a maioria dos agressores é do sexo masculino.

Em duas ocasiões, as pessoas que relataram o ocorrido disseram que ninguém se manifestou contra a letra ou se sentiu incomodado. Nos outros dois casos, foi afirmado, posteriormente, que as frases foram elaboradas de forma impensada. Dessa forma, podemos compreender que se as pessoas que estavam presentes nos momentos em que os eventos discursivos aconteceram

e não se sentiram incomodadas e as pessoas que produziram esses discursos fizeram sem reflexão, se trata de uma ideologia internalizada. O que leva a considerar que a violência contra a mulher é algo ainda naturalizado.

A hegemonia masculina está tão enraizada na cultura da sociedade que, em um espaço em que há nível de escolaridade e possibilidade de reflexão e debate, ocorrem situações de violência sem que haja reflexão a respeito e sem que haja punição pelo ato. Apenas no caso do cartaz, em que os estudantes foram identificados por meio de uma foto divulgada pelas redes sociais, houve penalização. Os demais casos apenas tiveram uma retratação das instituições de ensino por intermédio de nota oficial.

Faz-se necessário realizar mais pesquisas em análise de discurso crítica para identificar e dar visibilidade à violência naturalizada contra a mulher, que é expressa como brincadeira ou piada. Ao refletir sobre o tema colabora-se com a desnaturalização das desigualdades de poder e coíbe a hegemonia. Também é importante apontar que estes casos não podem ser considerados eventos isolados, já que fazem parte de uma sociedade em que está presente a violência contra a mulher e a redução do ser feminino.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CBN. Disponível em: <<http://www.cbnfoz.com.br/editorial/brasil/noticias/27032014-115720-estupro-no-brasil>>. Acesso em: 10 out. 2015.

CELMER, Elisa Girotti. Violências contra a mulher baseada no gênero, ou a tentativa de nomear o inominável. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. *A violência na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. P. 72-88.

EXTRA. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/educacao/feministas-fazem-campanha-contratrote-machista-11641027.html>>. Acesso em 10 out. 2015.

FACHINETTO, Rochele Fellini. Juventude e violência: onde fica o jovem numa sociedade “sem lugares?” In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. *A violência na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. P. 60 – 71.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; new York: routledge, 2003._____. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A Inteligência Aprisionada*. Porto Alegre: Artmed, 1991.

KAUARK, Fabiana. et al. *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa*. São Paulo: Pontes Editores, 2011.

REVISTA FÓRUM. Disponível em:
<<http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/01/eua-pesquisa-indica-que-um-terco-de-universitarios-cometeria-estupro/>>. Acesso em 23 jul. 2015.

ROCHA, Z. *Paixão, violência e solidão: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII*. Recife: UFPE, 1996.

UOL. Disponível em:
<<http://vestibular.uol.com.br/noticias/redacao/2013/07/29/estudante-da-unb-que-insinuou-estupro-contras-alunas-pede-desculpas.htm>>. Acesso em 16 ago. 2015.

ZUIN, Antonio Alvaro Soares. *O trote universitário como violência espetacular*. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 587-604, maio/ago. 2011.Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em 18 set. 2015.